

ENSINO DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA NA UFPEL - BREVE PANORAMA HISTÓRICO E PRÁTICAS DOCENTES

LETÍCIA SILVEIRA DE OLIVEIRA¹; ISABELLA ORLANDINI SARACCHINI²;
THAÍS DURO DA ROSA³; VANESSA DOUMID DAMASCENO⁴

¹*Universidade Federal de Pelotas 1 – leticiaolive96@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – orlandichini@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – thaisdurorosa95@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – nessad@uol.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Historicamente, o ensino do português brasileiro como língua estrangeira é bastante recente dentro do contexto das universidades brasileiras. Mas esta é uma realidade que tem mudado ao longo dos anos. A Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e a cidade de Pelotas recebem um número considerável de estrangeiros de diferentes nacionalidades. Segundo dados da UFPel, no ano de 2017 havia mais de 130 estudantes estrangeiros ligados à Instituição. Por essa razão, há dois anos, numa iniciativa do programa Idioma sem Fronteiras da UFPel junto ao Centro de Letras e Comunicação, ofertou-se as primeiras turmas de Português como Língua Estrangeira (PPE) dentro da UFPel.

Muitos dos programas que trazem os estrangeiros até a nossa universidade não exigem o CELPE-BRAS, exame que avalia a proficiência de estrangeiros em língua portuguesa brasileira. Portanto, na maioria dos casos, esses estudantes chegam até o programa PPE com nível 0 de proficiência no idioma, tendo que cursar disciplinas na graduação, mestrado e doutorado sem nenhum conhecimento prévio da língua portuguesa.

Visando atender a esta demanda, o PPE desenvolve e ministra aulas tendo como objetivo a inserção desses alunos no meio acadêmico e social da cidade de Pelotas, possibilitando-os a capacidade de se comunicar em língua portuguesa nos mais diversos contextos bem como a apreensão de aspectos (inter)culturais. Um dos fatores dificultadores para o alcance desses objetivos é o fato dos alunos estrangeiros possuírem línguas maternas, nacionalidades e níveis de proficiência diferentes entre si, fazendo com que nós, professoras e coordenadora do programa, tenhamos que pensar em aulas que abranjam todas essas singularidades dentro de uma mesma turma.

Além da contextualização acima, o presente trabalho pretende também evidenciar como são as práticas docentes nos cursos do Português para Estrangeiros, a utilização de materiais didáticos e qual é o aporte teórico usado como base para a realização do projeto. Em relação a esse último aspecto, salienta-se que tentamos sempre desconstruir o ensino de língua portuguesa para estrangeiros baseando-se apenas na tradução, mas sim dentro de uma abordagem que, segundo LEFFA (1988), não se prende às frases isoladas do idioma, mas sim enfatiza a semântica dos textos, focando o ensino de línguas estrangeiras no cumprimento de tarefas, ou seja, situações comunicacionais a serem apreendidas. Nesta perspectiva, o aprendiz do idioma torna-se um ator social, tendo que interpretar papéis sociais que lhe são solicitados.

2. METODOLOGIA

Antes de o docente realizar um trabalho voltado às teorias específicas do ensino de línguas estrangeiras, se faz necessário um planejamento que traga uma teoria da educação de forma mais abrangente. Como já evidenciado na introdução, as turmas do projeto têm diferentes níveis de proficiência. Então de que maneira nós trabalhamos sem que haja uma especificação de nível?

Para isto, desenvolvemos nossas aulas embasadas na teoria da aprendizagem de VYGOTSKY (1988) a qual dirá que a aprendizagem é desenvolvida no aspecto social, a partir da linguagem como ferramenta. Os conceitos de Zona de Desenvolvimento Proximal e Zona de Desenvolvimento Potencial afirmam que um aprendiz menos experiente é capaz de aprender a partir de um aprendiz mais experiente. Ou seja, direcionando os dois conceitos para nossa prática, podemos dizer que um aluno que sabe mais o idioma português não dificulta o processo de aprendizagem de um segundo aluno, mas sim é capaz de auxiliá-lo em aspectos da língua que lhe são mais compreensíveis. A interação entre os discentes, portanto, torna-se fundamental para o desenvolvimento dos conteúdos.

Os cursos ofertados pela plataforma do Idioma sem Fronteiras (IsF) até o presente momento foram três: Aspectos da Cultura Brasileira; Leitura e Produção de Textos e Familiarização com o Exame Celpe-Bras. Os alunos realizam as inscrições conforme suas necessidades e objetivos em relação à aprendizagem da língua portuguesa. Ao início de cada oferta dos três cursos realizamos um diagnóstico dos alunos para estarmos cientes de suas respectivas demandas bem como de aspectos associados às características pessoais destes como suas nacionalidades e qual o tipo de vínculo que possuem com a UFPel. Segundo REALI (2015), esse tipo de estratégia faz com que o docente assuma o papel de investigador e sabendo as respostas dessas perguntas torna os objetivos mais evidentes e, por conseguinte, o processo de ensino-aprendizagem mais eficaz.

Uma experiência que demonstra a eficácia dessa prática no Português para Estrangeiros é a de que, após iniciarmos uma oferta de curso pelo IsF, notamos que alguns alunos possuíam mais dificuldades na produção e compreensão oral e, em razão disso, não estavam acompanhando as aulas com tanta produtividade quanto os demais. Para a resolução dessa problemática, o grupo de professoras e coordenação decidiu abrir uma turma extra, desvinculada do IsF e aberta à comunidade, para que fossem trabalhados aspectos introdutórios da língua portuguesa e oferecendo aulas que englobam conversação, gramática, leitura e produção no nível 0 de proficiência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todos os cursos ministrados pelo Português para Estrangeiros estão em andamento, tendo, no mínimo, duas ofertas ao ano de cada um deles. Notamos que, ao longo do desenvolvimento do nosso trabalho, a comunicação com o aluno não somente na relação professor ↔ aluno, mas também na relação de sujeitos dentro de uma sociedade se faz muito importante para conhecê-lo e entender quais são suas maiores dificuldades num país que não é o seu de origem.

Pelo fato de não existir muita disponibilidade de materiais didáticos no ensino de língua portuguesa como língua adicional, temos a necessidade de criar o nosso próprio material. Mas isto não pode ser visto como um ponto negativo do trabalho desempenhado, pois podemos adequar o material criado para um público-alvo específico, atendendo às demandas de cada um deles. A resposta tem sido positiva visto que os próprios alunos tomam a iniciativa de convidar outros estrangeiros de dentro do seu círculo social para participarem das aulas.

Por fim, pode-se afirmar que o processo de ensino/aprendizagem do português brasileiro traz vantagens tanto para o aprendiz do novo idioma quanto para o docente. Os discentes têm a oportunidade de aprender o idioma português dentro da cultura onde este é a produzido e com um professor nativo, ou seja, uma aprendizagem do português livre de marcações como o sotaque, por exemplo, e de maneira mais natural - em situações comunicacionais reais. Já para o docente é oportunizada a prática de um ensino de português diferente do realizado com falantes nativos da sua língua, enriquecendo sua prática docente. A experiência de lecionar para alunos estrangeiros faz com que este tenha que refletir sua língua de outra maneira, aprimorando sua capacidade de questionar o uso do português fora do seu cotidiano, de forma mais crítico-reflexiva.

4. CONCLUSÕES

Portanto, podemos afirmar que o programa de Português para Estrangeiros da UFPel tem a tendência de crescer cada dia mais, podendo receber mais estrangeiros, dando-lhes o apporte necessário para uma estadia produtiva acadêmica e culturalmente no Brasil.

Destaca-se também que o PPE promove o programa e os cursos ministrados por vários âmbitos da universidade e de fora dela, alcançando a comunidade. Neste ano, o PPE conseguiu realizar seu primeiro evento: I Colóquio Português sem Fronteiras. Esse evento teve o intuito de reunir professores e alunos de diversas instituições a fim de divulgar o projeto que vem sendo desenvolvido na UFPel, bem como incentivá-los a entrarem nessa área ainda tão recente nas faculdades de letras do país. Oficinas de criação de material didático e discussões sobre aspectos importantes para que o programa se mantenha foram discutidos, dando a real importância que um projeto desse caráter necessita.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LEFFA, Vilson J. **Metodologia do ensino de línguas**. In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. Tópicos em lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988.
- REALI, N. G. **Diagnóstico escolar: implicações político-pedagógicas e questões metodológicas**. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 4., 2011. Joaçaba/SC. Anais. Joaçaba/SC: Editora Unoesc, v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/coloquiointernacional/article/view/1267>. Acesso em: 26 de mai. 2015.
- YGOTSKY, Lev. (1988), **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**, SP: Ícone/EDUSP.